

# CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PERSONAGEM LOBATIANA EMÍLIA EM *MEMÓRIAS DA EMÍLIA* (1936)

## CONSIDERATIONS ABOUT LOBATO'S CHARACTER EMÍLIA IN *MEMÓRIAS DA EMÍLIA* (1936)

## CONSIDERACIONES SOBRE EL PERSONAJE LOBACIANO EMILIA ATRAVÉS DE *MEMÓRIAS DA EMÍLIA* (1936)

Valéria Cordeiro Oliveira<sup>1</sup>  
Patrícia Aparecida Beraldo Romano<sup>2</sup>

**Resumo:** A literatura infantil e juvenil detém um importante espaço em nossa formação e construção leitora, servindo como base para futuras descobertas que permeiam a vida de um leitor adulto. A afeição com a leitura desenvolvida através desse gênero se dá, entre outras coisas, pela afinidade que costumeiramente manifestamos com algumas personagens capazes de manter vivo o interesse pela obra lida, tornando-se um ícone que sempre associamos a determinado texto. Monteiro Lobato contribuiu como um importante precursor para a popularização deste gênero ao criar os personagens da saga do "Sítio do Pica-Pau-Amarelo", entre eles a icônica personagem Emília que, com seu carisma e "asneirices" conquistaria boa parte do público infantil se tornando uma referência na obra lobatiana. A essa personagem que obteve significativo destaque em sua produção infantil, Lobato dedica um livro intitulado *Memórias da Emília* (1936) que nos ajuda a conhecer melhor as opiniões e pensamentos da famosa bonequinha. Este texto tem por objetivo fazer considerações acerca de como a personagem lobatiana é apresentada nessa obra e acerca de sua evolução no sentido de compreendermos quem é a boneca em *Memórias da Emília* (1936).

**Palavras-chave:** Emília; Monteiro Lobato; *Memórias da Emília*.

**Abstract:** An infantile and youth literature holds an important space in our training and reading construction, serving as a pillar for future discoveries that will permeate the life of an adult reader. The affection for reading developed through this genre is due, among other things, to the affinity we usually manifest with some characters capable of keeping alive the interest in the work read, becoming an icon that we will always associate with a given text. Monteiro Lobato contributed as an important pioneer to the popularization of this genre by creating the characters in the saga of the " Sítio do Pica-Pau-Amarelo ", among them, the iconic character Emília who, with her charisma and "foolishness" would conquer a good part of the children's audience, becoming a reference in the novel of Lobato. Lobato dedicates a book entitled *Memórias da Emília* (1936) to this character, who was significantly highlighted in his children's production. The book helps us to better understand the opinions and thoughts of the famous little doll. This text aims to make considerations about how the Lobato's character is presented in this work and also, its evolution in order to understand who the doll is in *Memórias da Emília* (1936).

**Keywords:** Emília; Monteiro Lobato; *Memórias da Emília*.

**Resumen:** La literatura infantil y juvenil ocupa un espacio importante en nuestra formación y construcción lectora, sirviendo de base para futuros descubrimientos que impregnarán la vida de un

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, PA, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, PA, Brasil.

lector adulto. El cariño con la lectura desarrollado a través de este género está dado, entre otras cosas, por la afinidad que solemos manifestar con algunos personajes capaces de mantener vivo el interés por la obra leída, convirtiéndose en un icono que siempre asociaremos con un determinado texto. Monteiro Lobato contribuyó como importante precursor a la popularización de este género creando los personajes de la saga de la "Sítio do Pica-Pau-Amarelo", entre ellos el icónico personaje Emilia que, con su carisma y "asneíricas" conquistaría gran parte del público infantil convirtiéndose en un referente en la obra Lobatiana. A este personaje que obtuvo un importante protagonismo en su producción infantil, Lobato le dedica un libro titulado *Memórias da Emilia* (1936) que nos ayuda a conocer mejor las opiniones y pensamientos de la famosa dollquinha. Este texto pretende hacer consideraciones sobre cómo se presenta el personaje lobatiano en esta obra y sobre su evolución con el fin de entender quién es el muñeco en *Memórias da Emilia* (1936).

**Palabras clave:** Emilia; Monteiro Lobato; Memórias da Emília.

## Introdução

Atualmente a literatura para a infância e juventude têm ocupado cada vez mais destaque no cenário literário, gerando pesquisas e discussões compatíveis com a contemporaneidade leitora, que abrange não apenas a narrativa como também personagens que contribuíram para a popularização do gênero. Entre obras, autores e personagens que marcaram a literatura para as infâncias, é inegável a contribuição de Monteiro Lobato, com sua série de livros do famoso "Sítio do Pica-pau Amarelo" e sua icônica personagem Emília, tão querida pelos leitores lobatianos.

Para Lobato, Emília parece que sempre teve um papel de destaque e autonomia, sendo inclusive denominada por Edgard Cavalheiro (1962, p. 159), o primeiro biógrafo de Lobato, como "a grande personagem lobatiana". Com suas falas irreverentes e peraltices divertidas, a boneca garantia não apenas um protagonismo dentro das histórias como também fora delas, sendo responsável por diversas cartas de crianças que se diziam encantadas pela boneca-menina. Em uma delas, publicada por Lobato, uma fã dizia: "Adoro a Emília e desafio quem diga que a ama mais" (LOBATO, 2010, p. 555).

Diante de tanto sucesso da personagem perante o público, Lobato supre, de forma inédita, a ânsia das crianças pelas aventuras dela ao lhe preparar um livro de memórias, algo nunca feito a outro personagem do autor. Nessa obra é possível que o leitor conheça um pouco mais dos "pensamentos" da boneca (que se humanizaria em *A chave do tamanho*<sup>3</sup>, de 1942) e de sua evolução como personagem.

Para Magno Silveira (2017, p. 192), ler "*Memórias da Emília* é fundamental para entender a boneca", pois é onde sua personalidade é definida, tanto pelos personagens do Sítio como por ela mesma. Desta forma, através deste texto, buscamos fazer algumas considerações que apontam aspectos da evolução da personagem dentro da obra, bem como analisar a autonomia conferida à personagem pelo autor, apresentando a importância da obra para compreendermos os "pensamentos" e as atitudes de Emília, acompanhando seu desenvolvimento como personagem complexa através de suas reflexões em suas memórias.

Esta pesquisa de caráter bibliográfico se desenvolve a partir de uma leitura prévia da obra *Memórias da Emília*<sup>4</sup> (1936) e de sua análise, na qual se procurou destacar os pontos que ressaltam reflexões sobre Emília buscando demonstrar, através de exemplos, como se dá o desenvolvimento dela na obra, com o respaldo teórico de estudiosos da obra lobatiana como Edgard Cavalheiro, Socorro Acioli e Marisa Lajolo.

<sup>3</sup> LOBATO, Monteiro. *A chave do tamanho*. 1. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1942.

<sup>4</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

A análise será realizada a partir de três sessões, na primeira será feita uma apresentação da personagem mediante discursos do próprio Lobato, evidenciando a autonomia conferida por ele à Emília; em seguida será feita uma apresentação da obra a ser analisada e, por fim, será abordado como a personagem demonstra considerável evolução e complexidade a partir do texto que registra suas memórias.

### **Emília segundo Lobato**

A personagem da boneca-menina é apresentada pela primeira vez ao público na obra *A menina do Narizinho Arrebitado* (1920), que marcou o início da série de aventuras da turma do Sítio do Pica-pau Amarelo. Nessa apresentação inicial, Emília é descrita pelo autor com traços muito peculiares, muito diferente da boneca que conhecemos hoje:

[...] a Excellentíssima Senhora Dona Emília, uma boneca de panno, [...] e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retroz preto e as sobranceiras tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa. Mas apesar disso Narizinho quer muito bem á Sra. Dona Emilia, vive a conversar com ella e nunca se deita sem primeiro accommodal-a numa rêdinha armada entre dois pés de cadeira (LOBATO, 1920, p. 4)<sup>5</sup>.

Ao refletir sobre a personagem e como é inicialmente apresentada ao leitor, Lobato chega a dizer que no começo Emília era apenas uma boneca feia que poderia ser comprada com pouco valor de dinheiro, mas que rapidamente se transformou, “evoluiu cabritamente – cabritinho novo – aos pinotes” (LOBATO, 2010, p. 551). De coadjuvante, Emília, a cada obra, passa a ter mais protagonismo, alcançando a proeza única de ter publicadas suas memórias, algo que não foi conseguido por nenhum outro personagem da série.

Emília é apontada pelo escritor como sendo tão independente que nem ele próprio seria capaz de domá-la. Em carta ao seu amigo de longa data, Godofredo Rangel, Lobato fala a respeito da personagem: “Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero. Cada vez mais, Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja. Fez de mim um ‘aparelho’, como se diz em linguagem espírita” (LOBATO, 2010, p. 551). Para o autor, Emília é tão dona de si, que ele a define em suas memórias como sendo “a independência ou morte”. (LOBATO, 2017, p. 150). De fato, a personalidade da boneca é demonstrada por sua sinceridade, que algumas vezes precisa ser podada por Dona Benta. Por sua irreverência diante de tudo e de todos e por suas opiniões francas e diretas, como apontado por Lobato, Emília é o que é, não o que outros querem que ela seja. Para Edgard Cavalheiro (1962, p. 159), “Emília nasceu como nascem as válvulas de segurança. Ou a sessão livre dos jornais”, suas palavras jorram soltas, livres, sem amarras, assim como sua personalidade, tornando-a única em toda a sua impertinência e ousadia.

Através dos personagens do Sítio, Lobato reafirma a autonomia e a liberdade da boneca, um exemplo disso pode ser visto pelas falas do Visconde que, ao escrever (ou ser obrigado a isso) as memórias da bonequinha, admite: “Na realidade, o que Emília é, é isso: uma independenzinha de pano [...] aqui no sítio quem manda é ela. Por mais que os meninos façam, no fim quem consegue o que quer é a Emília com seus famosos jeitinhos” (LOBATO, 2017, p. 150-151). Algo semelhante é dito por Lobato em carta a Godofredo Rangel, na qual o autor afirma ser governado pela boneca, que é quem manda no Sítio, para ele, Emília é quem “põe e dispõe”. (LOBATO, 2010, p. 552). De fato, Emília se portava como queria e expressava suas ideias como bem entendia, a boneca exalava independência.

<sup>5</sup> A ortografia foi mantida de acordo com a primeira edição da obra do ano de 1920.

Em entrevistas concedidas ao longo de sua vida, Lobato, ao falar de Emília, lhe confere vida e opiniões próprias. Ao ser entrevistado por Mário da Silva Brito, para o Jornal de São Paulo, o autor é questionado sobre o que Emília achava do Brasil, e prontamente responde: “Emília [...] têm ideias muito sérias a respeito do Brasil [...] que este “gigante deitado em berço esplêndido” seja como o Sítio de Dona Benta, esse lugar onde todos vivem felizes, contentes uns com os outros, e onde há plena liberdade de pensamento” (LOBATO, 1956, p. 286). Em outra ocasião, em entrevista à Celestino Silveira, que o questiona sobre como Emília havia recebido a notícia do convite feito à Lobato pela Academia, para que ocupasse a cadeira de Alcides Maya, o autor responde de forma lúdica: “Emília olhou para mim com aquele terrível olharzinho emiliano: – ‘você viveu até aqui sem lata nenhuma pendurada ao peito. Agora querem que também traga uma. Os acadêmicos vão enlatá-lo. é isso’ Assim falou Emília, concluiu Monteiro Lobato” (LOBATO, 1956, p. 203).

Para o autor é quase como se Emília existisse de fato, por vezes atribuindo a si mesmo algumas características da boneca, como, por exemplo, a falta de modéstia, Lobato diz: “Que pedantismo o meu no começo! Topete incrível. Emília pura” (LOBATO, 2010, p. 22). É inegável a relação de carinho e proximidade entre autor e sua criação, Emília, de certa forma, possuía muito de Lobato, seu carisma e autenticidade eram reflexos do autor. Para Socorro Acioli (2014, p. 75) “os dois são geniais” em suas respectivas posições, um como autor incomparável e precursor de um gênero em ascensão e Emília como inesquecível personagem do imaginário brasileiro.

### **Considerações sobre a obra *Memórias da Emília* (1936)**

A obra *Memórias da Emília* teve sua primeira edição lançada no ano de 1936 pela Companhia Editora Nacional, com tiragem de 10.571 exemplares, alcançando um grande êxito na tiragem dos livros (MENDES, 2009, p. 343).

Na narrativa Emília se propõe a contar sua própria história e aventuras e confere (praticamente impõe) ao Visconde o papel de escrevê-las. Emília dá início às suas memórias nos apresentando alguns aspectos de sua vida, como seu nascimento, ou sua criação a partir de macela. Sua mudez inicial será resolvida com as pílulas do Doutor Caramujo quando começa a falar uma torrente de palavras e expressões. Em seguida, Emília dá ordens a Visconde que comece a contar sua inédita aventura com o anjinho de asa quebrada, que por ela foi caçado em suas peripécias na Via Láctea. O enredo segue a contar o que se passou no sítio diante da ilustre presença do anjinho. Na parte final de suas Memórias, Emília se dedica a fazer reflexões sobre coisas desagradáveis no mundo e sobre os personagens do sítio, a boneca demonstra muita clareza ao tratar de assuntos como as injustiças, todo o sofrimento que é característico do mundo ao seu redor e como apenas no Sítio se pode encontrar a verdadeira paz e felicidade.

A personagem nos mostra ao longo da obra muita ternura abrindo seu coração, que se revela ser muito caloroso, conseguimos perceber os verdadeiros sentimentos da boneca e suas emoções se tornam transparentes à medida que ela mesma responde a perguntas intrigantes, até mesmo para os leitores, tais como: Emília tem um coração? Quais são seus verdadeiros sentimentos em relação à Tia Nastácia com quem é tão malcriada? Aos poucos a personagem se revela aos olhos do leitor, em toda sua dualidade e complexidade, demonstrando, neste processo, ser mais menina do que boneca, o que se concretizará em *A chave do tamanho* (1942) quando o leitor descobrirá que Emília se humaniza.

Assim como era característico da personagem, em suas memórias, não poderia faltar doses cavalares de ironia e franqueza, fatos esses que não passaram despercebidos aos críticos conservadores da época. Trechos nos quais a boneca afirma ser a verdade apenas uma mentira bem contada, ou ressalta que quem escreve memórias não pode se valer da verdade e que sempre deve mascarar o que de fato é, não foram bem vistos pela Liga Universitária Católica Feminina,

que encaravam a obra como “carregada de conceitos inadequados e pessimistas para a ‘boa’ formação humana” (CAVALHEIRO, 1962, p. 169).

Apesar dessa avaliação negativa, a obra, de modo geral, é bem recebida tanto pelos críticos como por leitores. Em entrevista concedida ao Jornal *Folha de São Paulo*, algumas décadas depois, Otavio Frias Filho (1988) tece comentários e críticas muito positivas à obra, assegurando que nela contém o episódio mais exemplar de afirmação de literatura nacionalista para crianças feito por Lobato. O crítico se refere à vitória de Pedrinho na luta contra Popeye<sup>6</sup>, famoso personagem estadunidense conhecido mundialmente, que aparece no Sítio com a má intenção de roubar o anjinho de asa quebrada, que estava aos cuidados da turma do Sítio e levá-lo a Hollywood, sendo derrotado por Pedrinho, um menino brasileiro do interior paulista. Desta forma, tal ato de heroísmo e valentia contra o vilão americano, se torna um grande exemplo de nacionalismo. Outro importante aspecto sobre a obra se refere à metalinguagem presente em toda narrativa. Emília reflete sobre o quão complexo e árduo é pensar no que escrever ou como é difícil começar uma história, segundo ela: “Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS. Mas começar é terrível. [...] Há tantos caminhos que não sei qual escolher. Posso começar de mil modos” (LOBATO, 2017, p. 14-15).

Apesar do difícil começo, Emília segue sua narrativa sob as orientações de Visconde, que lhe serve como espécie de *ghost-writer*, pois escreve as memórias da boneca sem receber os créditos por isso. Emília faz questão de esclarecer o Visconde ao constatar: “Quem é que está escrevendo as Memórias? Você. Quem vai ganhar nome e fama? Eu...” (LOBATO, 2017, p. 128). A esperteza da boneca lança luz sobre uma questão importante, como, por exemplo, quem de fato é o autor? Quem tem a ideia da escrita ou quem a põe em prática? Para Marisa Lajolo (2009, p. 22), a obra é formatada por questões de caráter metalinguístico tais como “a noção de autoria e caminhos e descaminhos da produção de livros”.

De fato, são muitas as possibilidades de leituras e análises da obra, que nos ajuda não apenas a compreender aspectos importantes da escrita de Lobato, como também, conhecer de forma completa Emília, em todo o seu esplendor, nos mostrando que tem um coração que, “definitivamente, não é de macela, mas igualzinho o da gente” (SILVEIRA, 2017, p. 193).

### **Emília em suas memórias**

A boneca mais querida do Sítio do Pica-pau Amarelo sempre foi conhecida por suas “asneirices” e traquinagens, exercendo um papel de destaque em boa parte das aventuras dentro e fora do Sítio. Mas não apenas de asneiras e peraltices vive uma boneca, Emília demonstra em suas *Memórias*, além de muita esperteza, um desenvolvimento muito grande como personagem.

Um dos pontos que evidenciam a evolução da boneca na obra se dá quando ela decide revelar seus verdadeiros sentimentos ao leitor, deixando um pouco de lado sua face de moleca e demonstrando ter muita sensibilidade permeada por dualismos. Em primeiro lugar, Emília deixa bem claro que, diferente do que suas ações e falas possam transparecer ou do que muitos possam pensar, ela tem sim um lindo coração, mas ao revelar seu lado mais frágil, não deixa de pontuar que suas emoções não são facilmente acessadas, afinal “coisinhas à toa não o impressionam” (LOBATO, 2017, p. 182), mas que seu coração doía quando via injustiças. A fala da boneca demonstra um aspecto de sua personalidade muitas vezes ocultada por ela. Suas ações consideradas por muitos como egoístas e insensíveis dão lugar a um espaço de empatia e altruísmo. Emília não gosta de injustiças, sejam cometidas contra ela ou contra outras pessoas, pois segundo ela: “Quando vejo certas mães baterem nos filhinhos, meu coração dói. Quando vejo trancarem na cadeia um

<sup>6</sup> Popeye nasce um vilão, embora os brasileiros hoje o conheçam como um personagem herói.

homem inocente, meu coração dói” (LOBATO, 2017, p. 182-183). Tais injustiças não aconteciam no Sítio, muito menos com a boneca, mas ela imaginava, refletia sobre dores que nunca sentiu ou sentiria, mas sabia que eram tão reais como qualquer uma das alegrias que experimentara no Sítio e compreendia que no mundo, injusto como era, nem todos tinham tanta sorte quanto ela.

Continuando suas reflexões, a boneca mostra ao leitor, de seu modo “emiliano”, sua percepção sobre a vida, demonstrando compreender a efemeridade dos processos que a configuram. Para Emília:

A vida das gentes neste mundo, [...], é isso. Um rosário de piscadas. Cada piscado é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca pela última vez e morre. [...] Depois que morre vira hipótese (LOBATO, 2017, p. 19).

Para a personagem a vida passa tão rápido quanto um piscar de olhos, todos os processos naturais culminando em um fim inevitável: a morte! Mas e depois? O que vem depois da morte? Para Emília nada além de hipóteses, teorias criadas pela mente humana que inconscientemente se rebelam contra a morte. Diante da incerteza do que de fato há além da vida, seria tão incompressível a ânsia de Emília diante de tantas aventuras, tantos mundos e eras para desbravar? Se a vida passa tão brevemente, Emília viveria mil vidas em uma.

Um outro momento em que a boneca faz considerações sobre temas abstratos se dá quando questionada por Dona Benta sobre o que ela entendia por verdade, a matriarca afirma que nem mesmo Cristo respondeu a Pilatos sobre o que era a verdade, a fim de deixar clara a complexidade da existência de tal conceito, mas Emília, de forma muito astuta, responde sem titubear que “verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso” (LOBATO, 2017, p. 12). Ao questionar a própria existência de uma verdade que fosse absoluta, a personagem leva o leitor a refletir se o que acreditamos e temos como verdade já não foi um dia algo diferente, uma mentira talvez? Algo que o tempo e a vontade humana moldaram a fim de sanar as lacunas criadas por nossas incertezas.

Mais adiante, provando novamente ter uma opinião para tudo, Emília fala sobre o que segundo ela, seria a causa das calamidades do mundo, ela diz:

Eu penso que todas as calamidades do mundo vêm das línguas. Se os homens não falassem, tudo correria muito bem, como entre os animais que não falam. As formigas e as abelhas, por exemplo. Esses bichinhos vivem na maior ordem possível, com suas comidinhas a hora e a tempo – e que comidas! [...] E qual é o segredo da felicidade desses animaizinhos? Um só: não falam. No dia em que derem de falar, adeus ordem, adeus paz, adeus mel! A língua é a desgraça dos homens na terra (LOBATO, 2017, p. 27-28).

A boneca reflete que não seriam os conhecimentos bélicos, as revoltas, a política ou quaisquer outras origens óbvias, as responsáveis pela calamidade humana, mas sim a língua, a fala dos homens, que se constituía como poderosa arma, uma fonte de maldade. Com uma simples fala o homem é capaz de decretar uma guerra, propagar mentiras, alimentar o ódio e causar rebeliões. Diferente dos grandes animais que poderiam ser domados, a língua, apesar de ser um pequeno órgão, é diferente, indomável, e continuaria, com seus efeitos danosos para a humanidade, a ser a origem de todo o mal que vemos ao nosso redor.

Diante de todo este mal, Emília revela ao leitor sua vulnerabilidade, não permanecendo incólume diante de tudo o que vê, se mostra triste e afetada pela realidade do mundo, que se contrasta de forma tão nítida com as alegrias vividas no Sítio, para ela:

Eu era uma criaturinha feliz enquanto não sabia ler e, portanto, não lia os jornais. Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento... Por isso acho que o único lugar do mundo onde há paz e felicidade é no Sítio de Dona Benta (LOBATO, 2017, p. 184).

Apesar de ser conhecida por sua alegria e peraltice, Emília se mostra atenta com a realidade do mundo, uma leitora de jornais, que apesar de viver no "único lugar do mundo onde há paz" não é alienada do resto dele, consciente de que existe muito mais do que só brincadeiras e aventuras no mundo, e que a realidade da grande maioria das pessoas não é tingida de cores tão vibrantes quanto a sua é.

Outro ponto notável sobre a personagem, exposto na obra, é a consciência que tem sobre si mesma, a singularidade de seus pensamentos não lhe passa despercebida, admitindo que suas falas são carregadas não apenas de humor, mas também de filosofia. A seu próprio modo, Emília demonstra ter conhecimento não apenas da palavra, definindo, inclusive, o que segundo ela, seria um filósofo: "É um bicho sujinho, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de olho parado, pensando, pensando. Cada vez que digo uma coisa filosófica, o olho de Dona Benta fica parado e ela pensa, pensa... (LOBATO, 2017, p. 18).

Emília, de um jeitinho todo seu, define o papel do filósofo, que é de dizer e pensar em coisas elevadas, apesar de nem sempre serem compreendidas. Eles exercem a função de questionar o mundo. Comparando esse ofício de forma lúdica, com um bichinho "caspento", a boneca conduz o leitor a uma analogia muito peculiar e apropriada. Seguindo a linha de raciocínio da personagem, somos levados a perceber que a caspa é algo que traz considerável incômodo na cabeça de quem a carrega, o qual só pode alcançar algum tipo de alívio imediato com uma ação: de coçar, assim como as ideias dos filósofos, que por não serem tão compreendidas por todos, geram um incômodo em quem as ouve, ao mesmo tempo que os conduz a uma ação: a de pensar. A personagem percebe que é justamente esse o efeito que suas palavras exercem em seus ouvintes, desde Dona Benta ao Visconde, considerado o sábio do Sítio, que reflete diante da definição de Emília: "O Visconde enrugou a testinha e ficou-se uns instantes de olho parado, pensando, pensando. Aquela explicação era positivamente filosófica" (LOBATO, 2017, p. 19).

Outro aspecto interessante da personalidade da boneca, que ela faz questão de deixar explícito, são seus sentimentos em relação à Tia Nastácia, personagem com quem se mostra muito malcriada. Algumas de suas falas, consideradas hostis por muitos, são destinadas a essa personagem. Emília foi criada por Nastácia, era remendada por ela quando voltava de suas aventuras. Então por que não gostava da cozinheira? Era de fato assim que suas ações poderiam ser interpretadas? Não era tão simples entender Emília, nem compreender por que se comportava de um jeito em vez de outro, mas suas falas elucidam um pouco suas ações: "Eu vivo brigando com ela e tenho-lhe dito muitos desaforos – mas não é de coração. Lá por dentro gosto ainda mais dela do que dos seus afamados bolinhos" (LOBATO, 2017, p. 186). Emília pode ser compreendida como uma personificação de antíteses, comportando em si a sanidade e a insanidade, a bondade e a maldade, o que lhe confere um lugar acima do que é superficial e do estereótipo da personagem que é sempre boa e razoável, modesta e justa.

Sobre tal complexidade presente em alguns personagens, Beth Brait (2017, p. 50), ao tratar do ser fictício na narrativa, à luz das ideias de Forster, classifica como redonda as personagens que apresentam qualidades ou tendências que levam o leitor ao convencimento, por apresentar dinamismo, por serem multifacetados a ponto de constituir imagens totais e ao mesmo tempo muito particulares do ser humano, tais personagens permanecem como uma espécie de janela aberta nos permitindo averiguar a complexidade do ser humano. Em se tratando de Emília, está presente em

sua personalidade os dualismos que são típicos da natureza humana, pois ninguém é sempre bom ou sempre mau, somos constituídos de contradições, e são estas oposições que nos tornam indivíduos, humanos, não autômatos com uma só funcionalidade previamente programada, e é justamente essa característica que permite a Emília tamanha evolução como personagem.

Ainda sobre o comportamento dela em relação aos outros moradores do Sítio, vale lembrar que Emília apresenta uma irregularidade em seus sentimentos muito peculiar, rapidamente oscilando entre amorosidade e hostilidade. Antônio Candido *et al.* (1976) aponta que as personagens de natureza exibem traços que vão além do que é superficial, sendo apresentadas ao leitor pelo seu modo íntimo de ser, o que as impede de ter a regularidade dos outros. No caso de Emília, suas falas são afiadas e por vezes inoportunas, mas apesar disso ela não é má, muitos diriam que é malcriada com todos, mas apesar disso se mostra muito companheira e revela em suas *Memórias*, pela primeira vez, o quanto ama todos, o que pode ser notado em suas falas em relação a Narizinho e Pedrinho:

Narizinho eu quero muito bem, porque é uma espécie de minha mãe. Brigamos bastante [...]. Mas já vi que briga é prova de amor. E Pedrinho? Um excelente rapaz. Muito sério, de muita confiança, menino de palavra. Também temos brigado bastante, e havemos de brigar ainda, mas que ele é um menino que vale a pena, isso é (LOBATO, 2017, p. 188).

Emília ama e quer bem a todos, briga e diz desaforos em seguida, mas demonstra em suas *Memórias* ter um coração capaz de comportar todas as suas irregularidades e inconstâncias. Embora demonstre algumas atitudes egoístas, também sabe ser empática e compassiva, apesar de suas peraltices e molecagem, percebe e reflete o que se passa no mundo, captando o que ele tem de colorido e de cinzento, de coisas que vão além dos muros do pequeno Sítio de Dona Benta.

### Considerações finais

Através de algumas considerações, presentes em suas *Memórias*, Emília demonstra ser um poço sem fundo, não apenas de “asneirices”, mas de pensamentos, imaginação e sentimentos, e que dentro das histórias de Lobato é bem mais que uma boneca, sendo para todos os leitores uma boneca-menina, um pouco de gente adulta e muito de criança.

De fato é inegável a carga de complexidade que a personagem carrega, pois Emília, com suas falas, “invencionices” e carisma, abriga em si tanto a capacidade de fazer grandes críticas e reflexões sobre o mundo, até a de comandar as mais impensáveis traquinagens, o que fica comprovado em suas *Memórias*, na qual conhecemos um pouco mais de seus pensamentos e podemos ver em primeira mão o quão “cabritamente” a boneca evolui e se desenvolve.

### Referências

ACIOLI, Socorro. *Emília: uma biografia não autorizada da marquesa de Rabicó*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CANDIDO, Antonio *et al.* *A personagem de ficção*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962.

FILHO, Otavio Frias. Rememórias de Emília. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1998. Poder, p. B1.

LAJOLO, Marisa. Linguagens *na e da* literatura infantil de Monteiro Lobato. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 15-29.

LOBATO, Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1920.

LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 5. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MENDES, Emília. Memórias da Emília. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 341-351.

SILVEIRA, Magno. Emília em todo o seu esplendor. In: LOBATO, M. *Memórias da Emília*. 5. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017. p. 191-194.

### **Sobre as autoras**

**Valéria Cordeiro Oliveira.** graduada em Letras-Português (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) Mestrado em andamento em Letras (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) com pesquisas nos seguintes temas: Literatura Infantil e Juvenil e produção Infantil de Monteiro Lobato, com destaque à personagem Emília, a partir da obra *Memórias da Emília*. Membro do Grupo de estudos e pesquisas em Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ).

E-mail: [valeriacordeirooliveira@gmail.com](mailto:valeriacordeirooliveira@gmail.com).

**Patrícia Aparecida Beraldo Romano.** Graduada em Letras-Português (Universidade Estadual de Campinas), tem Mestrado em Teoria e História Literária (Universidade Estadual de Campinas) e Doutorado em Letras (Universidade Presbiteriana Mackenzie). É professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Tem experiência na área de Literatura Infantil e Juvenil que dialoguem com processos de Mediação de Leitura e Formação do Leitor Literário, com pesquisa nos seguintes temas: a obra infantil de Monteiro Lobato, Literatura e Ensino e Literatura Infantil e Juvenil e sua materialidade. Coordena o grupo de estudos e pesquisas em Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ).

E-mail: [paberaldo@yahoo.com](mailto:paberaldo@yahoo.com).